Decrecentismo e gerenciamento da miséria

Barbaria

Este texto faz parte de uma série de reflexões sobre a relação dos seres humanos com a Terra na sociedade capitalista, a oposição radical entre a Terra e o capital, bem como a maneira pela qual a catástrofe ambiental é integrada às categorias de valor. Embora The Earth in the Crisis of Value apresente a base teórica sobre a qual essa série será desenvolvida, este artigo não tenta tanto abordar os problemas crescentes enfrentados por nossa classe com o avanço catastrófico do capitalismo - eles serão desenvolvidos em mais detalhes nos textos seguintes -, mas fazer uma crítica radical das perspectivas burguesas e social-democratas sobre essa catástrofe, que, em nossa opinião, estão sintetizadas na ecologia como um movimento parcial e separado.

1. A divisão da naturalização
2. Metabolismo natural e metabolismo social
3. Decrescentismo
4. Colapso civilizacional ou catástrofe capitalista
5. Ecofascismo?
6. Crise de valor e revolução mundial

1. A DIVISÃO DA NATUREZA

Talvez nunca antes a catástrofe capitalista tenha sido tão evidente. A impossibilidade material e física desse sistema é afirmada na televisão, nas universidades e nos parlamentos. Com o maior cinismo, muitos daqueles que contribuem com seu pequeno grão de areia para a perpetuação do massacre capitalista entendem que estamos em um trem que está indo direto para a parede, e eles dizem isso. Eles dizem isso e falam e falam e falam e falam e falam. Falam sobre conscientização, falam sobre energias renováveis, falam sobre economia circular e falam - cada vez mais - sobre o termo da moda: *green new deal*.

A social-democracia está se tornando cada vez mais verde, e não tem escolha. O desequilíbrio climático, a erosão do solo, a poluição da água, a perda - brutal - da biodiversidade são uma demonstração permanente da oposição radical entre o capital e a vida no planeta, incluindo a de nossa espécie. Essa oposição é tão flagrante que a social-democracia só pode admiti-la e propor, como fez durante toda a sua vida, alguns remendos que não só não resolvem, mas muitas vezes aprofundam e agravam o problema, e sempre o perpetuam. O movimento ambientalista, como um movimento parcial que separa o problema ambiental das relações sociais que destroem o ecossistema, é um dos bastiões mais apreciados da social-democracia. E, dentro dele, o descentrismo como uma de suas alas mais radicais, amplamente abraçado por meios militantes e ativistas, ajuda a reconquistar aqueles que estão desgostosos com as conclusões reformistas e estatistas às quais o ambientalismo leva. Neste texto, tentaremos fazer um breve relato da crítica ao ecologismo e nos concentraremos em apontar os pressupostos teóricos inerentemente burgueses do decrescentismo.

O pós-modernismo e o ambientalismo são as duas faces da mesma época. Ambos partem de uma separação entre natureza e cultura que, de qualquer forma, tem origem no próprio nascimento do pensamento burguês. Dada essa separação, o pós-modernismo tende a transformar tudo em um fato cultural, nominal e subjetivo, enquanto o ecologismo parte de uma visão que tende a reduzir a realidade social às bases físicas, objetivas e extra-humanas da natureza.

Embora sempre existam precedentes, nunca houve uma oposição tão grande, uma separação tão grande entre natureza e cultura como no capitalismo. Isso tem sua base material. Nas comunidades primitivas, o vínculo com o ecossistema era direto e integrado à sua própria lógica social**.** Mais tarde, nas sociedades pré-capitalistas, as classes dominadas sempre estiveram, de uma forma ou de outra, ligadas à terra. Na antiguidade, os escravos eram usados principalmente para cultivar os campos. Quando um nobre se tornava o senhor feudal de uma região, o que ele obtinha não era tanto a propriedade da terra, mas o direito ao dízimo dos servos vinculados a ela. Para se estabelecer, ao contrário, o capitalismo precisa romper essa unidade - alienada e opressiva, sem dúvida - entre os seres humanos e a natureza. Para se estabelecer, o capitalismo precisa *libertar* os servos e criar proletários. O proletariado será uma classe

que vive no ar, uma classe separada de todos os meios de produção, separada de seu ambiente natural e de sua própria natureza.

Não é coincidência o fato de esse momento fundamental - a expropriação do campesinato e a consequente formação do proletariado - fazer parte do mesmo processo histórico em que a distância entre o campo e a cidade se aprofunda, a ponto de a relação entre eles se inverter pela primeira vez na história: de agora em diante, o campo não será mais do que um apêndice da cidade, e a cidade será apenas o nome de uma máquina que devora pessoas e recursos naturais para produzir mais valor, mais mercadorias, mais dinheiro, mais valor.

Também não é por acaso que as ciências naturais se desenvolvem nesse processo. Quando a produção não visa mais à satisfação das necessidades sociais, mas à valorização, quando a produção é de mercadorias, a natureza se torna um fator de produção tão abstrato, tão quantificável, tão estranho a si mesmo quanto o próprio trabalhador reduzido a capital variável. Quando não é matéria-prima, energia ou o próprio solo em que ocorre a produção de valor, a natureza se torna um objeto externo examinado pelo sujeito racional, completamente alheio a ele, no qual, mesmo quando olha para si mesmo, vê apenas um suporte físico - o corpo - da razão científica.

O pensamento burguês transformará essa separação *material* e *efetiva*, que o capitalismo estabelece entre a natureza e os seres humanos, em uma separação eterna e universal, e pensará tudo com base nela. Assim, ele será dividido por uma falsa polarização entre duas correntes: um idealismo subjetivista, que afirma que a razão é o fundamento último de toda a existência material, e um idealismo objetivista ou "materialismo" vulgar, que faz de uma natureza extra-humana - incluindo o corpo humano - a explicação última de todos os processos sociais. É importante observar que ambas as correntes são funcionais para a justificação e a naturalização do capitalismo. [1]Assim, a visão de um sujeito racional como um eu ilimitado que molda sua própria realidade por meio da consciência é complementar àquela que abstrai toda a realidade material para corpos matematizados e quantificáveis, nos quais as sociedades humanas são incluídas como apenas mais uma parte da máquina. [2]Se a primeira legitima a razão capitalista

[1] Não é coincidência que esse gesto seja o primeiro passo de Hobbes para justificar a necessidade do estado absolutista, como Jorge Herrero argumenta em *Hobbes: An Anthropology of Fear*

[2] A empresa de serviços financeiros Tullet Prebon afirma em um relatório de 2013 sobre *o pico do petróleo*: "O dinheiro é apenas a linguagem, e não a substância, da economia real. Em última análise, a economia é - e sempre foi - uma equação de energia excedente, regida pelas leis da termodinâmica, não

como organizadora de todos os seres vivos por meio da ciência e da tecnologia, a segunda destitui as relações sociais de qualquer papel, estabelecendo que, basicamente, não há grande diferença entre a sociedade capitalista e as sociedades que a precederam, assim como não faz sentido postular um futuro posterior a ela: afinal, como diríamos hoje, tudo é termodinâmico. Não é por acaso que, sob essas duas correntes, surge o pensamento moderno e, com ele, os pilares ideológicos da sociedade capitalista: de Descartes a Hobbes, de Locke a Kant, todos eles se esforçarão para lançar as bases do capitalismo como uma sociedade eterna e universal, que só precisava esperar para se desenvolver com o progresso tecnológico e o aumento da complexidade social. Hoje, ao contrário do que nos dizem, não há essa ruptura com a modernidade, mas apenas uma adaptação a um capitalismo cada vez mais profundo e, portanto, cada vez mais catastrófico. Se hoje o pós-modernismo está totalmente alinhado com a primeira tendência, o ecologismo e, em particular, a tendência decrecentista, está na segunda.

O fato é que o ambientalismo se baseia em um antagonismo radical entre o homem e a natureza. Na realidade, como todas as correntes social-democratas, o que ele faz é pegar um fato real do capitalismo - o homem e a natureza estão em conflito um com o outro, como o trabalhador com sua própria atividade - e elevá-lo acima da história e declarar que sempre foi assim. Caso contrário, dê uma olhada na Ilha de Páscoa! [3]Uma civilização que destrói a si mesma porque decide construir esculturas imensas às custas de seus próprios recursos. Você não consegue ver isso? O poder destrutivo dos seres humanos é inesgotável. Precisamos de mecanismos de autocontrole para nos ajustarmos às bases materiais que a natureza nos fornece. Malthus estava certo!

Da mesma forma que o pensamento burguês se baseia na ideia de que o homem é um lobo para o homem, ele também tem como um de seus pilares básicos a ideia de que o homem é um lobo para seu ambiente natural. Se Malthus estava certo, Hobbes estava certo. Essa antropologia negativa sempre exige, em última instância, um Leviatã. É por isso que o ambientalismo sempre leva à necessidade do Estado, mesmo que o coloque como uma confederação democrática de comunas ecossociais autogerenciadas.

Seremos informados de que há muitos ambientalismos. [2]É claro que o ambientalismo explicitamente capitalista - "capitalismo verde" - argumentará não apenas o que acabamos de reproduzir, mas acrescentará que, com as regras certas, o sistema pode

---

pelo mercado". Essa citação é favoravelmente retomada por Antonio Turiel, um conhecido decrescentista próximo a figuras como Yayo Herrero e Carlos Taibo.

[3] Uma versão cada vez mais insustentável

favorecer um desenvolvimento sustentável em que até mesmo o cuidado com a própria natureza gera riqueza ao se tornar uma mercadoria, como é o caso do mercado de emissões de CO . [4]Mas há também a corrente decrescente, que está firmemente comprometida com a restauração do vínculo entre os seres humanos e a natureza, o fim do capitalismo e o retorno a um "modo de vida muito mais simples e autogerenciado". Como uma corrente que consiste em apontar os limites físicos do próprio capitalismo e a necessidade de uma mudança de sistema pode ser capitalista e estatal?

Para responder a essa pergunta, precisamos voltar ao entendimento burguês do vínculo entre o homem e a natureza, bem como à ruptura que Marx faz ao afirmar o materialismo histórico.

2. METABOLISMO NATURAL E METABOLISMO SOCIAL

Marx parte do materialismo sensual de Feuerbach para superar o idealismo hegeliano. No entanto, ele também rompe com este último em um ponto essencial: se Feuerbach se opõe a Hegel ao fato de que o ser humano é matéria antes da razão e que o que permite toda elaboração racional é o mundo físico que percebemos por meio dos sentidos, Marx criticará Feuerbach por manter uma ideia de natureza como algo que permanece externo aos seres humanos e à sua história. Ambos concordam com a necessidade de explicar a natureza com base nela mesma, sem recorrer a instâncias externas, seja um Deus todo-poderoso ou a Razão deificada. No entanto, para fazer isso, para não criar falsas instâncias, Marx ressalta que a atividade humana também deve ser entendida como uma *força natural*, um fator a mais no metabolismo natural do planeta.

[5]Aqui o termo *metabolismo* é útil. Ele se refere à relação entre a célula e o organismo como um todo: a célula transforma o inorgânico, retirado de seu ambiente natural, em vida orgânica. A vida natural é organizada em torno de transformações permanentes do próprio ambiente. Mas se o ser humano é uma parte inseparável do metabolismo natural, a natureza também é uma parte inseparável do metabolismo social e da forma como ele é organizado. [6]A natureza constitui não apenas os meios de subsistência

---

[4] Essas são palavras de Ted Trainer, mas elas expressam a aposta constitutiva do decrescentismo.

[5] O texto de John Bellamy Foster, *Marx's Ecology,* também é útil para resgatar as raízes históricas desse conceito e o surgimento de um pensamento materialista no qual Marx se enquadra e onde luta para romper com a separação conceitual entre o natural e o cultural, entre o ser humano e a naturalização da natureza.

[6] "A universalidade do homem aparece, na prática, precisamente na universalidade que faz da natureza todo o seu corpo inorgânico, tanto como (1) um meio de subsistência imediata, quanto como (2) a matéria, o objeto e o instrumento de sua atividade vital. A natureza é o corpo inorgânico do homem; a natureza, como tal, não é um corpo humano. O fato de o homem viver da natureza significa que a

humana, mas também a própria matéria com a qual e sobre a qual os seres humanos refletem e agem. A capacidade dos seres humanos de modificar seu ambiente constitui a própria *natureza* humana, que é, portanto, inseparavelmente natural e cultural. A atividade humana se desenvolve por meio de um processo no qual os seres humanos transformam a natureza e, ao fazê-lo, também transformam a si mesmos: a cultura nada mais é do que a memória coletiva dessa transformação, desse processo metabólico.

Mas não estamos falando aqui de um indivíduo isolado. Os seres humanos são *naturalmente* sociais. São, é claro, suas relações sociais concretas e históricas que moldam tanto o papel do ser humano no metabolismo natural quanto o papel da natureza no metabolismo social. A ruptura de Marx com Feuerbach, bem como com o pensamento materialista anterior, consiste, portanto, em sua compreensão dinâmica da relação entre as comunidades e seu ambiente natural. Ao apontar não apenas que as relações sociais são inseparáveis do metabolismo natural do planeta, mas que a transformação do meio ambiente é inerente ao desenvolvimento de todo metabolismo social e é determinada pelo caráter dessas relações sociais, Marx introduz a história na natureza, assim como anteriormente, pelas mãos de Feuerbach, naturalizou o próprio ser humano.

Agora, se não é o ser humano abstrato, mas as diferentes sociedades históricas que estão envolvidas nesse processo, então a forma como essas sociedades estão organizadas será essencial. Não é o ser humano abstrato que é antagônico à natureza, mas uma forma concreta de relação social. Permanecer com a primeira afirmação, de que os seres humanos fazem parte do metabolismo natural, nos impede de compreender o desenvolvimento da história e a maneira concreta como os diferentes metabolismos sociais, os diferentes modos de produção, assumiram sua relação com o ecossistema.

Anteriormente, ressaltamos que o capitalismo havia provocado uma separação efetiva entre o homem e a natureza ao separar o campesinato da terra e lançá-lo como mão de obra nua nas cidades. Entretanto, não é a separação *física que* será fundamental para essa ruptura. De fato, as relações sociais capitalistas começam a se desenvolver principalmente no campo. O que é decisivo aqui é que a produção social se tornará produção de mercadorias, a produção de valor. Assim, o processo de produção e

---

natureza é seu corpo, com o qual ele deve se manter em processo contínuo para não morrer. O fato de a vida física e espiritual do homem estar ligada à natureza não tem outro significado senão o de que a natureza está ligada a si mesma, pois o homem é uma parte da natureza", Karl Marx: *Manuscritos de 1844*, primeiro manuscrito, "Trabalho alienado".

reprodução social é dividido em um plano material, físico, de valor de uso, e um plano social, de valor fetichizado. Isso significa que, ao produzir mercadorias, está sendo produzido um objeto material concreto, que, no entanto, não tem importância como tal, mas apenas como uma mercadoria que permitirá a obtenção de dinheiro para produzir mais mercadorias e obter ainda mais dinheiro. [7]O vínculo com a terra é rompido porque ela não tem mais uma função direta no metabolismo social - como fonte de meios de subsistência, como meio e objeto de reflexão e ação humana - mas uma função indireta, como mero instrumento de produção de valor.

A natureza não é importante por si mesma, assim como os seres humanos não são importantes por si mesmos, mas são meros instrumentos de uma lógica automática e impessoal de produção de valor. Tanto o ambiente natural quanto o ser humano são simplesmente um mal menor que o capitalista tem de suportar para poder produzir mercadorias das quais extrair a mais-valia, sempre de forma crescente, sempre em expansão, D-M-D'. Na medida em que puder, o capital tenderá a se despojar de tudo o que é biológico, tudo o que é natural, porque isso impõe limites à velocidade e à intensidade de sua reprodução. Isso leva a uma dinâmica social que causa rupturas profundas no metabolismo natural, não apenas do ecossistema, mas da própria natureza humana. Ao mesmo tempo em que a exploração capitalista destrói a biodiversidade, esgota os recursos naturais e gera graves desequilíbrios climáticos, ela também corrói os laços comunitários e provoca um processo de atomização social que priva os seres humanos do elemento mais básico, que é sua essência social, seu vínculo com os outros. Além disso, os próprios seres humanos estão cada vez mais alienados de sua própria corporeidade, e a ideia de um indivíduo que pode e deve superar suas limitações físicas graças a drogas e outras tecnologias, com todos os danos à saúde física e psicológica que isso gera, tornou-se um fato socialmente aceito.

Entretanto, essa ruptura do metabolismo natural não impede que o metabolismo social do capitalismo continue a funcionar, embora de forma cada vez mais catastrófica.

---

[7] Para o proprietário, a terra é nada mais do que "uma máquina de derreter dinheiro". O aluguel separou tão perfeitamente o proprietário do solo, da natureza, que ele nem precisa conhecer sua terra, como é o caso na Inglaterra. Quanto ao fazendeiro arrendatário, ao capitalista industrial e ao trabalhador agrícola, eles não são mais apegados à terra que exploram do que o empresário e o operário manufatureiro são ao algodão ou à lã que produzem; eles são apenas inclinados ao preço de sua exploração, ao produto monetário", Karl Marx: *Misery of Philosophy*, ed., São Paulo, 2009, p. 269.

Vamos relembrar o que foi dito anteriormente: quando a produção de mercadorias é imposta, a atividade humana se divide em dois planos. O processo de produção se divide em um aspecto concreto e material da produção de valor de uso e um aspecto abstrato e social da produção de valor. Entretanto, isso não significa que ambos os aspectos tenham o mesmo peso. O valor de uso é o suporte do valor, mas nada mais. O valor *pressupõe o valor de* uso, ou seja, ele precisa de um objeto material ou de um serviço concreto que o contenha, mas não é regulado de acordo com o valor de uso, mas funciona por suas próprias leis, por suas próprias categorias sociais: tempo de trabalho socialmente necessário, troca de equivalentes, taxa de mais-valia, composição orgânica, lei do lucro. Essas categorias, apesar de serem sociais, são absolutamente impessoais: o metabolismo social do valor as impõe independentemente da vontade de seus agentes e automaticamente.

É claro que as leis da natureza ainda funcionam. A gravidade ainda nos mantém grudados no chão e as leis da termodinâmica ainda explicam o comportamento dos fluxos de energia. Entretanto, na medida em que o capitalismo é uma relação social automática, fora da vontade de seus membros, esses fatos físicos são interpretados em termos de valor, o que rege a maneira como os seres humanos agem sobre eles. Isso significa que os seres humanos intervêm no ecossistema de acordo com categorias sociais históricas nas quais a natureza, assim como os próprios seres humanos, não tem utilidade em si mesma. Ela só entra no metabolismo social e, portanto, só existe socialmente na medida em que pode servir como um instrumento para a produção de valor. [8]Para dar um exemplo, o fato de uma reserva de petróleo ser explorada ou não depende não de uma medida física, como seu TRE, mas de uma medida social, como o lucro excedente que pode ser obtido com a venda do petróleo no mercado. Considerando que a pior reserva de petróleo é a que determina o preço, a que exige mais trabalho - e, portanto, energia - para ser extraída, qualquer reserva um pouco melhor obterá um lucro excedente que fará com que sua exploração valha a pena. Assim, podemos nos encontrar na situação absurda de explorar reservas com um ERR próximo de um, ou seja, reservas das quais se extrai quase tanta energia quanto a usada para extraí-las, porque elas ainda são lucrativas para o proprietário de terras e para o capitalista.

3. DECRECENTISMO

[8] Taxa de retorno de energia, a relação entre a energia bruta extraída e a energia necessária para extraí-la.

Esse longo desvio nos permite entender melhor a crítica ao ambientalismo em geral e ao descentralismo em particular.

Como explicamos anteriormente, o ambientalismo se baseia em uma separação radical entre os seres humanos e a natureza. Ele entende que há um antagonismo irresolúvel entre os dois e que, em um momento ou outro, nos deparamos com o dilema entre o bem-estar humano *e* o bem-estar do ecossistema. O malthusianismo, que foi trazido de volta do esquecimento - e não por acaso - com o surgimento do movimento ambientalista, é a expressão mais clara dessa oposição. Também é muito significativo como a teoria de Malthus, que a desenvolveu com uma abordagem explícita de classe - os pobres são o problema, a morte dos pobres será a solução -, foi adotada e reformulada em termos muito mais democráticos, ou seja, mais adequados à natureza equalizadora do capitalismo: agora é uma questão de controle de natalidade e migração nas populações nacionais como um todo, em virtude da mão "neutra" do Estado. Por fim, é nessa perspectiva que o surgimento de correntes como o ecoextremismo ou, de modo mais geral, a disseminação de uma imagem dos seres humanos como uma praga e das guerras e catástrofes ecossociais como um castigo merecido por sua nocividade, pode ser melhor explicado.

Ao partir dessa separação, que é uma separação burguesa, e transformá-la em um problema a-histórico, o ecologismo é incapaz de compreender de forma materialista o desenvolvimento de diferentes sociedades em sua relação com a natureza. A especificidade das relações sociais e da natureza humana desaparece diante de uma abordagem objetivista que, no final das contas, não é tão estranha à dos autores modernos que transformaram a realidade em uma grande máquina quantificável. O ecologismo cai, como dissemos, em uma forma de idealismo objetivista pelo qual a realidade social acaba sendo reduzida a bases físicas nas quais as relações sociais, como tais, não desempenham um papel fundamental, mas são entendidas como apenas mais um sistema dentro do macrossistema natural. Dessa forma, as leis que regem a sociedade se tornam eternas e imutáveis: pouco importa se é uma sociedade de classes ou não, se é presa do fetichismo da mercadoria ou não, já que tudo acaba se tornando compreensível em termos de metros cúbicos, calorias por quilo, gigawatts, taxa de retorno de energia, leis da termodinâmica.

É curioso ver como um discurso tão crítico ao produtivismo marxista representa a história de forma semelhante: como uma infraestrutura que agora, em vez de econômica, é física, e sobre a qual é erguida uma superestrutura que pode ter alguma autonomia, mas que, em última análise, responde a mudanças infraestruturais. [9]Portanto, não é de surpreender que um clássico do decrescentismo espanhol, como *En la espiral de la energía (Na espiral da energia)*, considere a história da humanidade do ponto de vista de seu uso de recursos energéticos. Essa abordagem não precisa ser vulgarmente mecanicista e admite toda uma série de outros fatores sociais que entram em jogo. Entretanto, sua tese fundamental consiste na energia como uma estrutura, uma condição de possibilidade, que desempenhará um papel determinante na formação das sociedades. Assim, dizem-nos, uma sociedade que funciona principalmente com energia solar e com a energia exossomática do fogo e dos animais tenderá a ser mais horizontal, pois essas energias são mais acessíveis universalmente do que uma reserva de petróleo. [10]Por inferência, também nos é dito que o capitalismo não poderia ter existido sem os combustíveis fósseis, e que o pico do petróleo - bem como de outros recursos energéticos e minerais - leva necessariamente ao colapso desse sistema.

Consequentemente, o discurso descentrista usa o termo *metabolismo em* um sentido diferente daquele que desenvolvemos aqui. De fato, ele o utiliza para dissolver - e, em última instância, negar - a maneira específica pela qual a natureza se torna parte das organizações sociais. Portanto, é coerente que esses autores não usem o conceito de *modo de produção*, entendido como a maneira pela qual as sociedades organizam as atividades destinadas a satisfazer suas necessidades e a distribuição do produto obtido. Esse conceito permite compreender tanto a forma como a atividade humana e sua lógica social atuam no metabolismo natural, quanto a forma como a natureza extra-humana é assumida em seu metabolismo social. Para os decrecionistas, assim como para todo o movimento ecológico, existe, em última análise, uma separação irredutível entre o natural e o cultural. Assim, as sociedades humanas são identificadas com qualquer outro conjunto ecossistêmico encontrado na natureza, de modo que, quando se trata de explicar o curso da história humana, não há escolha a não ser recorrer a explicações culturalistas para evitar cair no mecanicismo vulgar. Nesses casos, o pós-modernismo e

---

[9] Ramón Fernández Durán e Luis González Reyes: *En la espiral de la energía*, vol. 1 e 2, Libros en acción ed., São Paulo, Brasil.

[10] No entanto, o capitalismo nasceu e se desenvolveu por trezentos anos sem combustíveis fósseis, e as propriedades escravagistas do Império Romano tinham principalmente uma fonte de energia solar e exossomática. Essas "lacunas" entre a infraestrutura e a superestrutura serão dadas como exemplos da autonomia relativa da última, sem fornecer uma explicação real.

o decrecentismo andam de mãos dadas. [11]Assim, por exemplo, a passagem das comunidades primitivas para as sociedades de classe teria como fator determinante a passagem de uma identidade relacional para uma identidade individual (masculina).

Ao dar uma predominância tão forte à questão da energia no desenvolvimento histórico das sociedades humanas, o uso dos recursos naturais e da tecnologia torna-se separado das próprias relações sociais. Assim, os termos são invertidos. A questão não é mais quais relações sociais tornam necessárias a descoberta e o uso maciço de combustíveis fósseis, mas como os combustíveis fósseis possibilitaram o surgimento dessas relações sociais. Como em qualquer abordagem objetivista, o papel da transformação social tende a ser negado em virtude de fatores exógenos e objetivos, como a maior ou menor disponibilidade de hidrocarbonetos. Ao dissolver a especificidade das relações sociais, do metabolismo social e do modo de produção, o decrecentismo ignora deliberadamente a luta de classes e nega tanto a possibilidade quanto a necessidade da revolução.

4. COLAPSO CIVILIZACIONAL OU CATÁSTROFE CAPITALISTA

Agora é possível entender melhor como uma corrente aparentemente anticapitalista, na verdade, colabora totalmente com sua manutenção. [12]Por outro lado, é menos desconcertante o fato de o Estado alocar fundos para pesquisas e discursos que afirmam o fim do capitalismo. [13]Também será mais fácil entender os desvios biográficos de alguns militantes que deixaram de afirmar - pelo menos verbalmente - a luta contra o Estado e o capital para participar do "ataque às instituições" que começou com o nascimento do Podemos.

A premissa fundamental do decrescimento é a seguinte: o colapso do capitalismo é inevitável e já está acontecendo. A enorme densidade energética dos combustíveis fósseis permitiu o desenvolvimento do capitalismo em sua dinâmica de crescimento

---

[11] Esse exemplo mostra claramente como o idealismo subjetivista e o idealismo objetivista são dois lados da mesma moeda. Se os autores de *En la espiral de la energía* têm de recorrer ao subjetivismo de Almudena Hernando (*La fantasía de la individualidad*) para explicar o nascimento das sociedades de classes, ela, por sua vez, explica a passagem da identidade relacional para a individual da maneira objetivista mais pedestre: como os homens teriam mais liberdade de movimento, a caça os faria se afastar mais frequentemente da comunidade e isso favoreceria o desenvolvimento de sua própria autoconsciência individual, com o consequente desenvolvimento de sua vontade de dominação.

[12] Veja, por exemplo, os seguintes vídeos financiados pela Junta de Andalucía por Margarita Mediavilla e Luis González Reyes

[13] A esse respeito, veja a eloquente carta de despedida de Emilio Santiago Muiño ao anarquismo: "Velhos planos, novas estratégias".

exponencial. Portanto, seu esgotamento o levará ao fim. [14]O capitalismo sempre teve crises econômicas. O que é característico agora é como o esgotamento dos recursos e a mudança climática são a base de todas essas crises e lhes dão um caráter definitivo e terminal. O capitalismo é um crescimento permanente, mas esse crescimento só é possível por causa da fraude energética representada pelo petróleo. Quando o petróleo se esgota, todas as possibilidades de crescimento se esgotam e, portanto, a capacidade do capitalismo de sobreviver como um sistema civilizatório também se esgota: chega o colapso. O fim do capitalismo é inevitável. O decrescimento também é. A questão é como queremos decrescer.

Segundo nos disseram, há apenas duas maneiras de fazer essa transição para uma nova estrutura civilizacional. Por um lado, há a opção "eco-fascista". O Estado assume um papel cada vez mais repressivo em relação à sua própria população. O pico do petróleo leva a dificuldades na produção e distribuição de alimentos, purificação da água, aquecimento ou manutenção de estruturas como hospitais, de modo que a distribuição será feita "de cima para baixo" e para um número cada vez menor de pessoas. É claro que a repressão estatal será ainda mais forte para o exterior, ainda mais porque o esgotamento dos recursos e as mudanças climáticas levarão a guerras e desastres naturais que impulsionarão grandes movimentos migratórios. Diante de tal situação de escassez, o discurso de "os nacionais primeiro" se tornará cada vez mais forte e o poder será tomado, eleitoral ou militarmente, por partidos "ecofascistas".

Por outro lado, existe a opção do decrescimento democraticamente organizado com vistas à distribuição social da pobreza. Trata-se de promover um processo de transição energética que favoreça a descarbonização da economia e sua consequente transformação tecnológica, o consumo de produtos locais, a mobilidade sustentável e o repovoamento das áreas rurais, entre outras medidas. [15]É também um processo que deve ser iniciado com urgência, pois quanto mais o colapso avançar, mais destrutivo ele será e mais difícil será deter o avanço do "ecofascismo".

---

[14] É isso que Luis González Reyes afirma, por exemplo, no vídeo citado na nota de rodapé 11, em um exercício de absoluta ignorância sobre a crise do valor

[15] "Não tenho dúvidas de que, no final do século XXI, certamente viveremos em sociedades mais rurais e descentralizadas. Mas o fato de essas sociedades serem organizadas na forma de comunas ecossocialistas libertárias ou na forma de uma chefia escravagista neofeudalista depende de toda uma série de processos políticos nos quais o controle estatal será fundamental, especialmente nos estágios iniciais. É por isso que acho que a tendência de muitos movimentos em transição de dar as costas ao Estado, de falar a partir de uma perspectiva puramente local de sobrevivência comunitária, é perigosa", Emilio Santiago: *op. cit.*

Diante desse dilema, dois caminhos são oferecidos pelo decrescimento, embora não sejam necessariamente mutuamente exclusivos. [16]O primeiro é o da subtração voluntária: a escolha de um "modo de vida muito mais simples e autogerenciado" por meio de ecovilas, cooperativas, grupos de consumidores e redes de "economia solidária". A segunda é a ação institucional, seja do parlamento ou da universidade. Já foram feitos alguns progressos na universidade, pelo menos na região da Espanha, já que todos os grandes líderes do decrescimento são professores universitários, de Yayo Herrero a Carlos Taibo, de Margarita Mediavilla a Jorge Reichmann. Fazer isso no parlamento parecia mais complicado até alguns anos atrás, quando a eclosão do Podemos abriu - graças a Deus - uma "janela de oportunidade" para entrar nas instituições e nos salvar do ecofascismo.

Embora possa parecer um clichê, a história está mais uma vez se repetindo como uma farsa. A social-democracia clássica afirmava que o desenvolvimento das forças produtivas faria com que o capitalismo caísse como uma fruta madura, de modo que a estratégia deveria ser aumentar o número de deputados nos parlamentos para tomar posições e favorecer a socialização da economia que já estava sendo gerada espontaneamente pelo próprio capital. Assim, a revolução não era realmente necessária, porque a sociedade da abundância viria por si mesma. A social-democracia atual, a *social-democracia da catástrofe*, afirma que o desenvolvimento das forças produtivas derrubará o capitalismo como uma fruta madura, já que esse desenvolvimento esgotou todas as possibilidades materiais do capitalismo de continuar existindo. Assim, a estratégia é aumentar o número de deputados no parlamento - e o número de professores na universidade - a fim de assumir posições para gerenciar democraticamente a catástrofe e a miséria que se seguirá. A revolução, é claro, também não é necessária.

Embora não sejam alternativas mutuamente exclusivas, pode haver uma certa polarização entre a opção subtracionista e a institucional. A segunda criticará a primeira - e com razão - por sua inconstância elitista, sua falta de consideração pelas maiorias sociais, seu compromisso de salvar algumas minorias conscientes que tentam se refugiar da melhor forma possível enquanto o colapso se desenrola. A opção subtracionista criticará a opção institucional - e ela também estará certa - pela perspectiva ilusória de gerenciar uma catástrofe ecológica que não conhece fronteiras a partir da administração local, regional ou mesmo estadual. Por outro lado, a opção institucional decrecionista poderia ser encurralada pela abertura de outra frente, a da política social-democrata

[16] Veja a nota de rodapé 4

vitalícia. Foi o que aconteceu com Yayo Herrero em um debate com Íñigo Errejón, no qual este último argumentou que, para chegar às instituições, primeiro é necessário vencer as eleições, e para isso o programa pró-decrescentista simplesmente não vende. Portanto, eles terão de mentir, apresentar um programa típico da democracia cristã dos anos 50 e, uma vez no poder... veremos.
O debate é útil. Ele também é inútil do ponto de vista revolucionário.

Primeiro, não haverá um colapso civilizacional, mas uma catástrofe capitalista cada vez mais brutal. Como temos desenvolvido, a catástrofe ambiental não pode ser entendida como uma variável externa ou subjacente ao capitalismo. É claro que a extinção de milhares de espécies, o esgotamento das reservas de petróleo ou a mudança climática são fatos em si. Entretanto, a maneira como esses fatos físicos são integrados à lógica social do valor está longe de ser mecânica. Não se trata mais apenas de uma questão de como a tecnologia tenta colocar o dedo na massa para tapar esse vazamento de água, às vezes paliando e às vezes piorando o problema, mas de como a própria catástrofe ambiental é integrada em termos da lei da taxa de lucro, do aumento do aluguel da terra, da distribuição de capital, do aumento do preço de produção, do aumento da taxa de exploração, da geração de massas cada vez maiores de capital fictício.

Quando dissemos que o valor é uma relação social automática e impessoal, não estávamos sendo metafóricos. O fato de o capital se reproduzir por meio das pessoas e dos recursos naturais, ou melhor, às custas deles, significa que ele obedece a uma lógica própria em que o valor busca produzir infinitamente mais valor, custe o que custar, caia quem cair. O capital certamente não se reproduz no ar. Sua tendência de se libertar dos limites físicos dos seres humanos e de seu ecossistema é apenas uma tendência. [17]O contrário seria dizer que o capital é uma relação social que pode prescindir das pessoas que o compõem - assim como da terra que pisam e do ar que respiram - e, portanto, deixar de ser uma relação social. Assim como quando uma bolha financeira estoura, o capital é forçado a "voltar à realidade", por meio de crises, com a desvalorização das mercadorias, a destruição do tecido produtivo e um aumento na taxa de exploração, a crise ambiental e o esgotamento dos recursos o forçam a voltar à terra por meio de crises periódicas e um aumento cada vez mais exacerbado na concorrência do capital.

[17] Seria, de fato, cair no próprio fetichismo do capital, que afirma ser capaz de se autorreproduzir sem qualquer mediação do trabalho humano. Essa é a direção que Jacques Camatte toma e que o faz abandonar a perspectiva revolucionária.

Essas crises, no entanto, são expressas em seus próprios termos, em suas próprias categorias sociais, e se repetem continuamente, assim como as bolhas do capital fictício se repetem continuamente, sem que a mão do Estado - cheia de graça - possa fazer muito para detê-las.

Não se trata de "tecno-otimismo", como diriam os de-crescimentistas. [18]A tecnologia tem uma função invariável no capitalismo: apresentar-se como a solução ao agravar o problema. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento tecnológico não é o resultado de otimismo, nem de fé cega no progresso, nem de políticas nefastas de P&D, mas da única saída que o valor encontra, dado o aumento da concorrência do capital devido à piora das condições de produção, para sair da confusão em uma corrida desenfreada para obter algum lucro no tempo que durar a melhoria da produtividade. O que é otimista e ilusório é acreditar que é possível lutar contra essa tendência dentro do próprio capitalismo para forçá-lo a declinar, ainda mais se a ideia for fazê-lo a partir de um organismo - o Estado - cuja única razão de ser é garantir as melhores condições para a reprodução do capital nacional.

Tentar convencer o capitalismo de que o melhor para ele é abandonar sua lógica de valorização nada mais é do que um velho conto da social-democracia, útil na realidade apenas para o próprio social-democrata tentar se convencer de que ainda defende a transformação social e pode dormir o sono dos justos.

5. ECOFASCISMO?

A perspectiva do "ecofascismo" é usada pelos decadentes para justificar o injustificável. Aqui, também, não há muita inovação em comparação com a social-democracia clássica. Na verdade, é o mesmo antifascismo que levou o proletariado da região espanhola na década de 1930 a renunciar à revolução para defender a democracia. É também o mesmo antifascismo que legitimou, com a ajuda inestimável do capitalismo soviético, a carnificina da Segunda Guerra Mundial.

[19]Pelo menos na década de 1930 havia o fascismo. O que o decrescentismo chama de "ecofascismo" nada mais é do que a gestão da pobreza pelo Estado-nação - o pão nosso

[18] A solução, é claro, não é para as necessidades humanas, mas para o capital. Assim, a tecnologia e a ciência abrem permanentemente nichos de mercado para a acumulação capitalista, tentam poupar o capitalista do problema do conflito social substituindo os trabalhadores por máquinas e são uma ferramenta essencial no trabalho repressivo e de vigilância do Estado.

[19] Isso não diminui o fato de que o antifascismo levantou o espectro do fascismo para atribuí-lo a qualquer facção burguesa de natureza conservadora, como aconteceu com o CEDA ou com o próprio franquismo na Espanha.

de cada dia em qualquer democracia - só que em um contexto de maior exploração do que o atual - no que diz respeito a algumas regiões do planeta - e, portanto, com maior repressão diante da possibilidade de polarização social e da explosão de revoltas proletárias. [20]Se a administração da miséria assume a forma de uma distribuição de migalhas aos nacionais e uma caça aos migrantes pela polícia, essa não é uma realidade estranha a nós hoje, nem a repressão bruta do Estado quando ocorrem revoltas de classe. Na realidade, ao levantar a possibilidade de um "ecofascismo", o descrescentismo está simplesmente lavando o rosto de sua própria proposta para administrar a miséria. Já explicamos como, na ausência de uma revolução proletária, o único cenário é o de uma catástrofe capitalista prolongada. [21]Portanto, se a proposta de decrescimento fosse executada a partir da alternativa institucional - evidentemente, sem "decrescimento" - a miséria capitalista seria administrada com as mesmas fronteiras assassinas, a mesma lei da fome que governa o capital, a mesma exploração salarial. Certamente poderíamos aplicar um pouco de maquiagem, criar um programa de *Boas-vindas aos Refugiados*, pendurar uma faixa colorida na prefeitura e fazer com que um punhado de migrantes sem documentos - aqueles que sobreviveram à tentativa de entrar no país - esperasse em filas enormes para ter uma folha carimbada com seu pedido de asilo. Enquanto isso, poderíamos acrescentar a categoria de refugiado climático à de refugiado econômico e político e, assim, fazer uma triagem melhor. O fato de essa ser a diferença entre o ecofascismo e a democracia decadente diz muito.

Além do antifascismo, toda uma série de clichês social-democratas coexistem na corrente decrecentista. Esses são os mesmos com os quais, historicamente, a defesa do capitalismo tem sido passada como a defesa de nossos próprios interesses. [22]Entre eles está o elogio da autogestão (do capital) e a ideia do Estado como uma entidade neutra, diferente das próprias relações capitalistas e, portanto, capaz de diminuir um sistema que consiste em crescimento ilimitado. Ambas as ideias estão enraizadas em uma incompreensão absoluta do que caracteriza o capitalismo em oposição a outras sociedades de classe.

---

[20] Para não ir muito longe, basta pensar nas dezenas de olhos arrancados pela polícia francesa durante o movimento dos coletes amarelos, ou nas dezenas de pessoas mortas nos recentes protestos no Sudão contra o aumento do preço do pão.

[21] Cf. os 15 artigos escritos por Amadeo Bordiga na série *Sul filo del tempo* de *Il programma comunista* entre 1953 e 1954 e reunidos em inglês no blog *Bordiga y la izquierda italiana*. Em particular, recomendamos o artigo XI: "A mercadoria nunca tirará a fome do homem".

[22] Cf. *Cuadernos de Negación*, nº 12: "Critique of self-management".

Como dissemos anteriormente, no decrescimento os termos são invertidos: não são mais as sociedades que descobrem, inventam e usam recursos e tecnologias de acordo com as necessidades que desenvolvem, mas são esses recursos e tecnologias que permitem o surgimento de algumas sociedades ou de outras. Dessa forma, o capitalismo é reduzido a uma questão de aviões e telefones celulares. Supõe-se, portanto, que o esgotamento dos combustíveis gerará tal descentralização que o capitalismo desaparecerá e os Estados deixarão de ser Estados, pelo menos os Estados como os conhecemos.

O problema é que o capitalismo não pode ser reduzido a meios de transporte otimizados para o petróleo. O fato de haver menos energia disponível significará simplesmente que as crises capitalistas se tornarão cada vez mais agudas, que os fluxos de capital fictício funcionarão ainda mais como a máquina de respiração artificial desse sistema louco e, de qualquer forma, que veremos um certo *renascimento* dos meios de transporte movidos a energia solar e animal. As dificuldades de centralização internacional que isso gera causarão o colapso do sistema? Não, porque o capitalismo não se trata apenas da tecnologia que desenvolveu para alimentar sua lógica, mas é uma relação social muito mais profunda. Mesmo no caso de um mundo mais descentralizado, não voltaríamos ao "neofeudalismo cacique escravagista" que Emilio Santiago imagina. O dinheiro e as mercadorias desaparecem porque são transportados a cavalo em vez de avião? Se assim for, seria incompreensível que o capitalismo tenha nascido no século XVI. Acrescentar o prefixo *neo* ao feudalismo e dar a ele uma estética *steampunk* não resolve o problema.

Esse argumento também nos ajuda a entender o absurdo de acabar com o capitalismo com base em "comunas ecossocialistas libertárias". Essa fragmentação da humanidade é incapaz de pôr fim ao valor, cujo significado está justamente na união dos separados. É a própria existência da troca de mercado que levou ao crescimento desenfreado do capital, com suas consequências catastróficas. Mesmo que pudéssemos pensar em comunidades rurais que não trocassem os produtos do trabalho entre si, isso não impediria a troca mercantil com outras comunidades. Logicamente, aquelas com menos recursos naturais ou que simplesmente foram atingidas por uma catástrofe natural - o que não é improvável à medida que a mudança climática avança - acabariam comprando os excedentes de outras comunidades ou migrando, com a tensão que isso introduziria nas comunidades receptoras em termos de uso de recursos: seria tão estranho que os

novos indocumentados desse *admirável mundo novo acabassem* oferecendo seu trabalho em troca de um salário? O localismo apenas revigora a lógica do capital.

6. CRISE DE VALOR E REVOLUÇÃO MUNDIAL

Se alguém tentar entender a crise atual separando as sucessivas crises econômicas, por um lado, e a crise ecológica e o esgotamento dos recursos, por outro, simplesmente não entenderá nada. Também não se pode entender nada se formos responsáveis pelos limites da natureza das crises econômicas, assim como, é claro, não se pode entender nada se a globalidade da crise capitalista for analisada a partir das categorias (burguesas) da economia.

[23]A crise atual é uma crise profunda das categorias básicas nas quais o capitalismo opera. O valor não é uma categoria econômica, mas uma relação social de produtores independentes de mercadorias que se relacionam entre si por meio de objetos, uma relação que, por esse fato, tem um caráter impessoal e automático. Ao mesmo tempo, é uma relação social que só pode operar por meio de antagonismos e separações, mas também por meio de profundas contradições. A primeira e mais fundamental contradição é a contradição entre as demandas de valorização e as necessidades humanas, que são inseparáveis do ecossistema em que se desenvolvem. [24]É por isso que o comunismo é um movimento real que emana espontaneamente do solo desta sociedade, porque a luta contra a negação de nossas necessidades é a luta pela restituição da verdadeira natureza humana, o ser comum, e a recuperação do equilíbrio entre o metabolismo natural e o metabolismo social. Quanto mais a catástrofe capitalista se aprofunda, mais essa contradição se aprofunda e, com ela, a possibilidade e a necessidade de uma revolução proletária que porá fim à existência do Estado e das classes sociais. Essa revolução só pode ser mundial e não pode ser reduzida ao localismo pobre das comunas autárquicas, porque a essência do capitalismo é em si

---

[23] Sobre o papel da natureza nessa crise, cf. "Land in the crisis of value".

[24] "O comunismo como superação positiva da propriedade privada, como autoestranhamento do homem, e, portanto, como apropriação real da essência humana pelo e para o homem; portanto, como retorno do homem a si mesmo como homem social, isto é, humano; um retorno pleno, consciente e realizado dentro de toda a riqueza da evolução humana até o presente. Esse comunismo é, como naturalismo completo = humanismo, como humanismo completo = naturalismo; é a verdadeira solução do conflito entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem, a solução definitiva da disputa entre existência e essência, entre objetivação e autoafirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e gênero. É o enigma resolvido da história e sabe que é a solução", Karl Marx: *Manuscripts of 1844*, terceiro manuscrito, "Private Property and Communism".

mesma internacional e somente a construção de uma comunidade humana desse calibre pode garantir o triunfo sobre o valor.

O oposto disso nada mais é do que o velho hábito social-democrata de passar os interesses do capital como sendo os da humanidade e de sua natureza.